

Resenha



Traquina, Nelson. *Teorias do Jornalismo. Por que as notícias são como são*. Florianópolis: Editora Insular, 2004.

Jornalismo além da prática: Nelson Traquina aponta a premência da teoria do jornalismo para a profissão e para a sociedade

Mário Messagi Júnior *

O jornalismo vive uma situação paradoxal. Por um lado, é reconhecido, seja pela opinião pública, seja pelos próprios jornalistas, como atividade fundamental para a democracia. É inconcebível pensar uma sociedade democrática sem liberdade de imprensa. Isto tem atribuído aos jornalistas um papel social relevante. Por outro lado, a profissão, em si, e suas especificidades, não tem o mesmo grau de respeito e legitimidade. Os recorrentes questionamentos sobre a necessidade de formação superior específica para exercer a profissão demonstram que jornalismo é, enquanto atividade, concebido como mera técnica, mesmo que isso seja contraditório com a importância a ele atribuída. Ou seja, o jornalismo tem um papel fundamental, mas o desempenho deste papel não exige grandes conhecimentos. Ou se exige, não são conhecimentos específicos sobre jornalismo, mas sobre áreas correlatas, sobre os temas que o jornalismo aborda, mas não sobre a atividade em si.

Esta situação ambígua é fruto de uma contradição histórica. A consolidação da profissão e do jornalismo não passou por uma consolidação teórica, dentro dos cursos universitários, como ocorreu em diversas profissões no processo de superação da fase empírica, dominada por práticos. O jornalismo sempre foi pródigo em manuais, reprodução de práticas profissionais, muitas vezes tomadas como ações autoexplicativas e, portanto, não-teóricas. Desconsidera-se, neste caso, a impossibilidade de uma prática sem uma teoria correspondente, mesmo a mais rudimentar e ingênua.

Biografia

*Jornalista. Atualmente, exerce a função de professor do curso de Comunicação Social da UFPR. Mestre em Linguística, é doutorando em História Social pela UFPR.

As notícias são tomadas como evidentes ao olhar. Elas são como são. O cotidiano do trabalho e das decisões jornalística é tratado, na maioria das vezes, de forma prosaica. Aparentemente, as notícias se impõem à imprensa. O recorte que o jornalismo faz dos acontecimentos seria evidente, mera reflexão de uma realidade dada. Esta concepção, baseada na teoria do espelho, a mais sólida entre os jornalistas, tem guiado a ação jornalística ou, no mínimo, dado uma justificativa ideologia para a atividade.

A teoria do espelho, fundamentada no senso comum e em concepções positivistas, é a prova de que o pensamento teórico sempre acompanha a ação jornalística. Mas é, também, um grave sintoma. Na sua simplicidade ingênua e insustentável, é a prova mais cabal do quanto os jornalistas não conseguiram superar o senso comum para compreender sua atividade.

A teoria do espelho, é certo, não é uma formulação consciente, mas isto não a justifica. Pelo contrário, reforça a necessidade de pensamento teórico consciente. A importância do jornalismo impõe uma compreensão mais rica e consistente. Exige a superação da recusa ao pensamento teórico com base em uma teoria ingênua, que se nega enquanto teoria, contraditoriamente.

O livro *Teorias do Jornalismo*: Por que as notícias são como são, do professor português da Universidade Nova de Lisboa, Nelson Traquina, lançado neste ano, é um momento importante de formulação e de defesa do pensamento teórico. O autor recusa a simplificação do jornalismo como mera técnica e defende sua especificidade

enquanto objeto de estudo. Traquina anuncia seu propósito já no início do livro: "O jornalismo é demasiadas vezes reduzido ao domínio técnico de uma linguagem e seus formatos, e os jornalistas reduzidos a meros empregados, trabalhadores numa fábrica de notícias. Este livro é escrito na convicção de que há muito mais no jornalismo, para além do domínio das técnicas jornalísticas, e que os jornalistas fazem parte de uma profissão, talvez uma das mais difíceis e com maiores responsabilidades sociais." (p. 22)

O movimento teórico empreendido por Traquina tenta superar a lacuna entre a relevância atribuída ao jornalismo como ator social e a relevância como objeto de estudo. Neste ponto, a academia deve assumir parte da responsabilidade, pois tem estado, a bem da verdade, aquém do seu papel. Daí o motivo para as teorias que norteiam o jornalismo serem, para a categoria e para a sociedade, grosseiras simplificações, normalmente meras ideologias legitimadoras. Teorias, de fato, mas insustentáveis.

Se os jornalistas recusam o pensamento, apegados a uma prática cega ou legitimada por teorias simplórias, a academia, mais uma vez, tem responsabilidade. Tardamente despertas para o jornalismo e, em muitos casos, ainda por serem convencidas da pertinência da atividade como objeto de conhecimento, as faculdades de jornalismo têm repetido um modelo de ensino dicotômico e esquizofrênico. A formação teórica é ampla e versa sobre humanidades e teoria da comunicação, sem lançar pontes para a compreensão do jornalismo. Distante do objeto mais cotidiano do aluno de jornalismo, o pensamento teórico é tomado como abstra-

ção inútil, desvinculada da realidade profissional. Ou, então, apenas secundariamente relevante, como formação humana fundamental a qualquer profissional. Daí as razões de os jornalistas sustentarem uma cisão entre prática e teoria, como se uma fosse estranha à outra. Por este caminho, a teoria é inútil; a prática, auto-explicativa.

Os cursos são reduzidos, muitas vezes pelo próprio quadro docente, à reprodução de técnicas. A teoria versa sobre os meios de comunicação, de maneira genérica, sem especificar as conseqüências profissionais. Por outro lado, uma série de disciplinas técnicas reproduz práticas de mercado, muitas vezes de forma acrítica e não teorizada. O ensino não superou os manuais e os ensinamentos de autores como Luiz Beltrão, Juarez Bahia e Mário Erbolato, importantes em dado momento histórico, mas insuficientes hoje. Os cursos formam excelentes críticos dos meios de comunicação e, às vezes, jornalistas com boa técnica. A separação entre teoria e prática está nos currículos.

O lançamento no Brasil do livro de Nelson Traquina é um passo fundamental, para a profissão e para a sociedade, de construção de um novo campo de reflexão chamado Teoria do Jornalismo. Apenas isso garantiria sua relevância acadêmica. No entanto, sua importância histórica não o sustentaria se a obra não fosse consistente. Capítulo a capítulo, Traquina teoriza, resenha o pensamento sobre o jornalismo, mesmo o menos rigoroso e consistente, ao mesmo tempo em que demonstra a importância do pensamento, para a profissão, para a sociedade e para o ensino de jornalismo. Ao formular teoria, Traquina, ao mesmo tempo, defende sua importância e legitimidade.

Tal defesa não adota, no entanto, um caráter retórico. O livro advoga a pertinência e necessidade de teoria do jornalismo ao mesmo tempo em que a formula. Diante da recusa ao pensamento, pensar é, necessariamente, um ato militante. Ao tratar do estatuto atual do jornalismo na sociedade, como parte inseparável da democracia, já no capítulo II, Traquina demonstra as mudanças sociais e políticas que permitem o contexto onde o jornalismo ganha seu papel atual, em par com as mudanças que ocorrem no próprio jornalismo. Diz Traquina: "Com o desenvolvimento da penny press nos anos 1830-1840 (...) surgiu um novo jornalismo que privilegiava informação e não propaganda, distinção que era vista como pressupondo um novo conceito de notícia onde existia a separação entre fatos e opiniões, é precisamente esta idéia que a chamada penny press dinamizou, efetuando assim a mudança de um jornalismo de opinião para um jornalismo de informação" (p. 50-51) Essa nova forma de conceber o jornalismo vai aproximá-lo dos leitores. Há, neste caso, um nítido movimento teórico. O jornalismo se pensa como parte da democracia, muda seus procedimentos para cumprir este papel, movimenta-se no espaço de um novo pensamento.

O processo de consolidação deste papel social é marcado pela mudança de modelo, de um jornalismo político e, muitas vezes, relacionado a projetos revolucionários, para um jornalismo desengajado. A forma de pensar e de se fazer jornalismo muda, no século XIX, e se consolida no XX. O jornalismo passa a assumir um compromisso com o leitor, posiciona-se como um poder que vigia, conquista novas liberdades, em função do seu

papel social, e amplia sua tiragem e penetração. Razões de ordem técnica colaboram. Por um lado, a evolução do sistema de impressão torna o jornalismo uma empreitada massiva; por outro, o desenvolvimento do telegrafo faz surgir as agências de notícias e possibilita um jornalismo mais informativo e com textos menos opinativos. Do ponto de vista político, o próprio amadurecimento do sistema democrático e a constituição, paulatina, de liberdades são aspectos fundamentais.

Este processo vai produzir, por outro lado, visões teóricas específicas sobre o jornalismo, concebendo-o como reflexo da realidade. É dentro da teoria do espelho que ganham relevância noções como objetividade e de imprensa como quarto poder, como vigia, ao lado do povo, das ações do Estado. O movimento social e tecnológico do jornalismo se reflete no pensamento teórico sobre a atividade.

O terceiro e o quarto capítulos discutem se o jornalismo é uma profissão ou um emprego. A concepção de profissão é a de que o jornalismo, por sua relevância e complexidade, não é apenas um conjunto de técnicas. Se assim o fosse, seria apenas um emprego. Ser jornalista se definiria pelo vínculo empregatício. Traquina volta mais uma vez à teoria, historiando a consolidação do jornalismo como profissão. O autor afirma que, no início, o jornalismo era uma atividade pouco prestigiada, refúgio de pessoas com pouco acesso às profissões mais atraentes, como o direito e a medicina. No entanto, há um processo constante de amadurecimento e de valorização, ainda que, na média, a remuneração de um jornalista esteja muito aquém dos salários de outros profissionais liberais. Contri-

buem para esta valorização o ensino universitário de jornalismo, ainda que pouco focado para o pensamento teórico específico. Surgem os códigos de ética. O jornalismo passa por um processo de profissionalização. O jornalista adquire o estatuto de um profissional detentor de um conhecimento específico, sobre o qual tem domínio. Sua relação com os clientes ou empregadores é pautada por esta percepção. O jornalismo envolve uma série de valores, técnicas e uma cultura profissional. Apesar de associar-se ao ensino universitário e de ser reconhecido socialmente, isso ainda não dá ao jornalismo consistência teórica. Sua legitimidade é aceita, ou questionada, com base em teorias legitimadoras, pouco mais que ideologias profissionais.

No quinto capítulo, Traquina aborda o que chama de "pólo ideológico do jornalismo". São valores, como a liberdade e a busca da verdade, e toda uma cultura profissional, com normas e sanções, que impõem ao profissional uma relação com o interesse público, a responsabilidade com a descrição precisa e objetiva dos acontecimentos e uma atitude permanente de vigia sobre o Estado. Mesmo aqui, e mesmo que sem perceber, o pensamento teórico se mostra claramente. As teorias que sustentam o papel do jornalismo na sociedade aparecem, mesmo que de forma não sistematizada.

O último capítulo é uma descrição das principais correntes de pensamento teórico sobre o jornalismo, principalmente com base nas pesquisas desenvolvidas nos Estados Unidos. Traquina vai da teoria do espelho, passando pela teoria interacionista e chegando até a teoria da comunidade jornalística. Teóricos americanos são as referências mais usuais.

O eixo comum que une todos os capítulos é a demonstração de que o jornalismo produziu as mais diferentes abordagens teóricas, que, no entanto, carecem de aprofundamento. Para o jornalismo, a constituição de um campo teórico específico é fundamental. A profissão, com isso, terá o valor que merece, pois sairá da concepção tecnicista à qual está, ainda, refém pela mudez teórica sobre a prática, principalmente. A sociedade também ganha com a consolidação da teoria do jornalismo, pois a legitimação

do jornalismo como profissão, vinculada ao interesse democrático, regrado por seus próprios princípios e não por interesses empresariais ou políticos. Reforça, enfim, uma cultura profissional, defensora de um jornalismo voltado para o interesse coletivo e não instrumentalizado. Tudo isso demanda um passo além, que envolverá as escolas de jornalismo e a pesquisa acadêmica. Difícil, mas um passo fundamental, pois não basta afirmar que as notícias são como são. É preciso entender por que elas são como são. ■